

Bracher otimista com o acordo

por Jurema Baesse
de Brasília

O presidente do Banco Central (BC), Fernão Bracher, manifestou-se, ontem, otimista com relação ao desenrolar das negociações do Brasil com a comunidade financeira mundial. Na sua avaliação, as declarações do secretário do Tesouro Americano, James Baker, conclamando os bancos a emprestarem mais aos países endividados, até cerca de US\$ 20 bilhões em três anos, "foram um passo histórico na pequena história do financiamento externo mundial". A fala de Baker caracterizou que "os países endividados estavam com a verdade", segundo Bracher.

O reconhecimento dos Estados Unidos da extensa problemática que envolveu os países endividados e os grandes bancos credores, segundo Bracher, "trouxenos uma certa tranquilidade". Ele assinalou que "o contexto está mudando, passou de negativo — com a crise financeira de 1982 — para favorável". No entender do presidente do Banco

Central, o Brasil está com os juros absolutamente em dia, e detém cerca de US\$ 13 bilhões em depósitos e negócios na rede financeira mundial, o que lhe dá condições favoráveis de negociação, além de demonstrar que o interesse em relação à renegociação é também dos credores. "Estamos no mesmo balaio", assinalou.

Apesar de reconhecer que a comunidade financeira mundial não está mais "tão assustada e retraída" como em 1982, ele acha que ainda é cedo para prever a volta dos empréstimos voluntários, que na sua opinião "difícilmente virão para o País no próximo ano".

MUDANÇA

Com a crise de 1982, assinalou, todos disseram "que nada ia dar certo". Os acionistas reclamaram com os bancos. Havia todo um contexto desfavorável aos endividados. "Agora, insistiu, este estado de coisas mudou, os bancos, que foram totalmente desestimulados a aplicar nos países em crise, estão sendo novamente estimulados, mas não voltarão a emprestar de uma vez."

A posição do Banco Mundial, entende Bracher, deverá ser mais participativa, "é um banco de consenso, é um banco de muitos países, é fundamental na ação, mas falta-lhe agilidade". A tendência é que o Banco Mundial assuma papéis mais ativos na renegociação da dívida com os países do Terceiro Mundo, principalmente a forma de co-capitalizador", acentuou.

Bracher afirmou que o País espera concluir a negociação com os bancos até janeiro, de modo que não seja necessária mais uma prorrogação dos pagamentos da fase 2. Entretanto, estas datas não são fatais. "Se o Brasil não fechar a renegociação até esta data,

trabalharemos com outra prorrogação."

FMI

Na avaliação feita pelo presidente do Banco Central, o Brasil está preparado para negociar com o Fundo ou sem ele. A expectativa porém, é de que a renegociação seja feita com a anuência do Fundo Monetário Internacional (FMI), como preferem os credores. O Brasil só começará a renegociação da sua dívida depois que concluir internamente o seu programa de ajuste econômico, e tão logo o FMI o aprove.

Bracher insistiu em que os investimentos externos no País tendem a crescer, à medida que o Brasil consolida o seu crescimento econômico. "Ninguém faz investimento em um país com recessão." E além da recuperação da economia, ressaltou, o Brasil oferece segurança, estabilidade política e também uma legislação sólida com relação à remessa de lucros e à participação do capital estrangeiro.

O presidente do BC concordou, porém, em que a inflação é um inibidor de investimentos, mas não um impeditivo. Na sua opinião, "o controle de preços é mais assustador, na medida em que limita o lucro e gera incertezas".